

Dados da Ficha	
----------------	--

Palavras-chave	Herança histórica, transformação, paisagem, agricultura, natureza.
Entrevistado:	Deodoro Francisco de Oliveira (DFO)
Idade:	95 anos
Entrevistador:	Gil Karlos Ferri (GF)
Data da entrevista:	20/09/2017
Transcrição da entrevista:	Mariana de Lorenzi

GF - Aê podemos prosear agora que ele, seu Doro como é seu nome completo?

DFO - Deodoro Francisco de Oliveira.

GF - A por isso que o tio Dirceu é Francisco então, por isso que o tio Dirceu é Francisco então, também.

DFO - É Francisco tudo.

GF - Aham.

DFO - A família Oliveira é ali do Entre Rios...

GF - Aham.

DFO - Foi as primeira...

GF - Que chegaram ali de...

DFO - Que veio que meu pai falava, meu pai com 88 ano ele faleceu.

GF - Aham.

DFO - Ele contava que foi os primeiro que vieram de lá da parte do Uruguai do Uruguai não do da do litoral.

GF - Aham lá de Serra A'baixo no caso.

DFO - É de Serra A'baixo.

GF - Eu vou fazendo as anotação mas depois eu pego a gravação e passo tudo a limpo...

DFO - Aham!

GF - Porque daí tem que entregar pra universidade, tudo que a gente tá...

GF - Quando que o senhor nasceu seu Doro? A data de nascimento?

DFO - É éé... 14 de agosto de 1933.

GF - Aham, aham. O senhor nasceu aqui mesmo?

DFO - Eu nasci

GF - Nasceu lá onde é...

DFO - No Entre Rios.

GF - Aham...

DFO - Era município de Celso Ramos.

GF - Certo, aham...

Pausa

GF - Nasceu em casa mesmo será na época?

DFO - ã?

GF - Nasceu em casa na época?

DFO - Nasci em casa com parteira.

GF - Aham...beleza

DFO - Parteira.

GF - O senhor é agricultor?

DFO - Sim!

GF - A-gri-cul-tor... Aham, e mora aqui no Papa João XXIII.

Pausa

GF - Beleza! Há quanto tempo o senhor vive aqui, aqui na propriedade? Antes de vim lá do...

DFO - Faz mais ou menos 55 ano.

GF - Aham, 55 anos. Seu Doro o senhor quer falar primeiro então lá do Entre Rios, então?

DFO - É eu quero faze pra vim de lá pra cá.

GF - Pode ser. O senhor que, aham. Então o senhor tava dizendo ali dos Oliveira que foram as primeiras famílias que moravam lá?

DFO - As primeiras famílias foram...

GF - Aham...

DFO - O Entre Rios era comandado...

GF - Certo.

DFO - Por um único proprietário só, naquela época ele era dono do Entre Rios inteiro.

GF - Uhum...

DFO - Era o Candinho Batista.

GF - Aham. Pode falando que eu vou, aham...

DFO - Depois o Candinho Batista ele foi vendendo, foi entrando os outro, e foram se apossando sem comprar direito.

GF - Sim só como posseiro então...

DFO - Como posseiro, como direito.

GF - Certo.

DFO - Como posseiro daí veio Luis Manco...

GF - Uhum.

DFO - Que chamavam Luis Manco.

GF - Esse o senhor nem chegou a conhecer? Foi só da época do seu pai?

DFO - Esse eu não cheguei a conhecer, os filho dele eu conheci.

GF - Certo.

DFO - Tinha um brechó...

GF - Que era filho dele?

DFO - Filho dele...

GF - Aham...

DFO - Tinha três Crescenso...

GF - Aham...

DFO - Filho dele...

GF - Ah, esse brechó então é por isso que dão o nome lá das Furnas?

DFO - Decerto né...

GF - Isso!

DFO - Crescenso.

GF - Cres-cen-so. Também era filho dele?

DFO - A, esse era irmão.

GF - A esse era irmão do Brechó, ou do Luís Manco?

DFO - Crescenso é irmão do Brechó.

GF - Ah tá! Filho do Luís Manco?

DFO - Filho do Luís Manco.

GF - Aham. Tá filho do Luís, uhum, esses foram os que também tavam por lá?!

DFO - É.

GF - Aham.

DFO - Depois dessas famílias, daí começo a vim dos que eu me lembro, veio que o meu avó Anagildo Paz Padilha...

GF - Certo.

Pausa

GF - Passos?

DFO - Paz.

GF - Ah tá! Aham, Padilha...

DFO - Padilha! Depois desses dali, veio, primeiro veio o Luís Manco, que falemo, ele tá lá, o meu avó você já ponho aí Francisco?

GF - Aham!

DFO - Francisco José de Oliveira que era o meu avó, pai do meu pai.

GF - Que é o outro vó, pai do teu pai?

DFO - Que era outro dono.

GF - Francisco de Oliveira. Aham, e daí é mais ou menos onde o senhor nasceu por lá?

DFO - É ali onde eu nasci... Aqui!

GF - A família foi se estabelecendo aqui?

DFO - Quando eu fui batizado, não tinha igreja.

GF - Ainda não.

DFO - Não tinha igreja.

GF - Uhum!

Pausa

DFO - Fui batizado nas casas.

GF - Tá e ali na igreja do São João já tinha ou não? Ali ainda não?

DFO - Não, não tinha não.

GF - Não tinha nada?

DFO - A igreja de São João Batista foi... ih...

GF - Foi depois.

DFO - Eu era piazinho de 3, 4 ano.

GF - Aham.

DFO - Eles formaram, aquele, hoje dizem a cumissão...

GF - Boa tarde! Tamo entrevistando o home, aqui uns caso antigo. Risos.

Pessoa: Tá certo!

GF - Tão tá!

DFO - Ali se junto ali que naquele tempo diziam...

GF - Sim!

DFO - Diziam um grupo.

GF - Aham!

DFO - E hoje...

GF - Tipo uma comissão?

DFO - Tipo uma comissão.

GF - Aham.

DFO - Se organizaram um grupo lá, onde meu pai morava, fizeram, arrodiam ali, eu morava foi esquadrejado e fico aquela redondeza ali aonde que tinha...

GF - Aham.

DFO - A primeira igreja...

GF - Uhuum.

DFO - Igreja de São João. Depois que mudaram.

GF - Certo.

DFO - Depois ali de 1950 eles mudaram a igreja de lá.

GF - Uhuum.

DFO - A igreja de São João.

GF - Que é aonde hoje é ali em cima agora.

DFO - ã?

GF - Que é onde hoje é lá em cima agora.

DFO - Então ali quando fundaram a igreja, eu não tô bem lembrado o nome do padre, mas parece que era o nome do padre...

GF - Mas se não lembra depois nós coloca, aham, mas faz tá... e.

DFO - Dai meu pai foi, montaram ali um grupo que hoje é comissão.

GF - Certo. Seu Doro e como era a paisagem lá do Entre Rios, a natureza e...

DFO - Era coberto de Pinhal.

GF - Pinhal.

DFO - Coberto de Pinhal, mato...

GF - Aham!

DFO - Mato, mato...

GF - Tinha só onde que era mais limpo as casas então?

DFO - É as vezes dai a pessoa passava fome porque não ia derruba o mato. Não tinha...

GF - Sim!

DFO -Vamo dize...

Pessoa: Não tinha licença ambiental.

GF - É!

DFO - Má como?

GF - Na época não tinha como porque era muito fechado ainda.

DFO - Deus o livre! Eu conheci a mata do Entre Rios...

GF - Sim!

DFO - Fechada, que você 10 metros não enxergava lá.

GF - De tão fechada que era?!

DFO - Não tinha nem criação, bem no fundo do Entre Rios lá onde que tinha campina...

GF - Sim!

DFO - Onde esses Brechó moravam chegavam, teve uma época que eles ponhavam fogo nas campina.

GF - Essa campina dai é natural, é tipo Campos Novos?

DFO - É natural.

GF - Ele...

DFO - É o capim.

GF - É um capim né.

DFO - É um capim que dá...

GF - Aham.

DFO - Alto, eles uso eles chamam campestre.

GF - Aham. É que é a formação do campo, igual tem ali em Campos Novos.

DFO - É.

GF - Pois é, essa parte eu não tinha notado, meus professor não tinham passado, mas tem um pouco em Celso essas parte de campo né, não é só mato fechado.

DFO - É depois lá tinha lá um onde era o na no, tinha um lugar que era chamado Ressaca.

GF - Aham.

DFO - Onde era do falecido Jango Vergobino, e ali tinha outros, ali tinha Caetano.

GF - Aham, Jango Vergolino?

DFO - É!

GF - Esse Lugar era parto do rio Canoas?

DFO - Em cima.

GF - Em cima da serra.

DFO - Em cima da serra!

GF - Aham, em cima. Esse lugar era onde vivia em Jango Virgulino?

DFO - É lá onde vivia o João Virgulino, nesses tempo era os Caetano que moravam lá, era bandido que foram preso...

GF - Aham.

DFO - A polícia veio ali e prenderam eles pra não me lembro pra onde.

GF - Isso antes de o senhor nascer, não? Já era criança?

DFO - Era criança.

GF - Ah já era criança!

DFO - Isso ai eu me lembro de tudo!

GF - Hum.

DFO - Esses Caetano pra gente prozia com eles, eram gente muito inteligente...

GF - Sim.

DFO - Gente boa pra prozia...

GF - Si davam muito vocês, vocês se davam muito bem?

DFO - É que atrás dessa bondade deles vinha o banditismo.

GF - Ban-di-tis-mo. Beleza! Mas era com os outros daí? Com quem eles queriam?

DFO - Era com os outros aquela coisinha.

GF - Sim. Era com os outros então vocês se entendiam bem.

DFO - É como meu pai nunca deu nada...

GF - Sim!

DFO - Dai depois começo outras famílias, começo a vim outros.

GF - Seu Doro, quando o senhor era crianças quantas de gente o senhor imagina que tinha lá no Entre Rios, quantas famílias assim acima?

DFO - A proprietário eu te conto bem certo...

GF - Tá.

DFO - Os proprietário tinha esse que eu já falei ai, João, Crescensio, _____...

GF - Esses os descendentes estavam por ali, tá.

DFO - É o meu avó, Gildo Paz Padilha, e o meu avó pai do meu pai...

GF - Francisco.

DFO - Esses já existia.

GF - Tá, tudo ali.

DFO - Depois começo vim gente de fora e ir comprando terra...

GF - Aham.

DFO - Ai colocaram a serraria do Agno, não era Agno era Dioni ã...

GF - Era um alemão?

DFO - Pera lá, ele era, ele morava lá no lajeado Mariano, Frederico Lorensi, lá onde que ficou o nome da empresa bem no fundo...

GF - Sim!

DFO - A empresa, a escola...

GF - Aham.

DFO - Lá no Salete ponharam porque a escola era bem no fundo... eles trouxeram ali na Salete...

GF - Certo! E e essa serraria ficava aonde?

DFO - A serraria ficava bem no fundo ali, lá, dava uns 3 Km da Salete.

GF - Da Salete, pra banda do Pelotas?

DFO - É, um...

GF - Não?

DFO - É pra banda da divisa do rio, aonde os rios...

GF - Ah, bem no Entre Rios, ali onde...

DFO - É onde que dá divisa. De frente ali os rios vem e se fecham você viu.

GF - Certo. Que nós tava vendo no mapa ali.

DFO - ã?

GF - Ficava aqui nesse bico mais ou menos?

DFO - É então a empresa Lorenzo ficava mais ou menos por aqui aonde é aqui a Salete...

GF - Uhum. É.

DFO - Então a empresa Lorenzo ficava aqui

GF - Certo.

DFO - E depois vinha descia pra ali, pra costa do rio.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

GF - Esse homem ele comprava os Pinhal marcado pra derruba?

DFO - Oia os Brechó venderam o terreno...

GF - Aham.

DFO - Venderam por divisa, venderam por quantia.

GF - Certo!

DFO - Ali tinha e tem até hoje, tem a estrada que vai até lá no campo da ressaca que estou te dizendo.

GF - Uhum!

DFO - E tem a outra pra cá que vem ali para o lado do meu avô.

GF - Uhum!

DFO - Era uma tesoura ali aquela da Salete.

GF - Que tem e não é aonde que vai para a linha Ferreira será? Ferrari que o senhor disse ali?

DFO - É ali dai divide, tem a lombada.

GF - É daí pode. Aham! É isso que é bem na lomba.

DFO - É isso. No chega da Salete depois dali pra cá, a água pra cá corre pro Canoas, e dali pra cá corre o Pelotas.

GF - Beleza.

DFO - Então é...

GF - Seu Deo...

DFO - Ali naquela época, moro conheci...

GF - Uhum!

DFO - Esses que eu já falei.

GF - Certo!

DFO - Aonde que tinha a família Tutuca.

GF - Tu-tu-ca! E essa serraria o senhor era criança quando eles se instalaram?

DFO - Eu trabalhei lá!

GF - Mas, o senhor viu quando eles vieram ou já tinha quando o senhor nasceu? Não tinha nada o senhor era criança?

DFO - Não tinha a estrada, não tinha nada, me lembro que quem fez a estrada o nome do homem e o sobrenome não sei.

GF - É.

DFO - O nome do homem que peito era Gaciliano.

GF - Gra-ci-li-ano.

DFO - Empreito da encruzilhada até onde que tem a serraria.

GF - Aham!

DFO - Depois que ele aprontou a estrada daí veio as máquinas esse Frederico do S. Trouxe as máquinas e montaram a serraria. Aí começaram a cortar o Pinhal, esse Pinhal que os Brechó eram dono.

GF - Sim!

DFO - O Entre Rios era comandado naquele tempo por 4 famílias.

GF - Sim!

DFO - Era o Brechó e dois avôs meu...

GF - O Padilha e o Oliveira.

DFO - E os Brechó e os _____.

GF - Filho desse Luís Manco, aham. O Crescencio e o Brechó.

DFO - É. Esses que eram irmão Crescencio, o Brechó, e depois desses ai começo a vim gente de fora.

GF - Sim.

DFO - Compravam os pedaços de terra.

GF - E, e na sua ideia o que mais mudou assim na região, foi a vinda da serraria, o que que modificou bastante lá?

DFO - O que modificou que o povo foi reassentando, foi trabalhando e desmatando.

GF - Certo. Foi a vinda dos agricultor então?

DFO - A vinda dos agricultor.

GF - Tá e como que era essa ali que o senhor estava falando antes ali na época do Pinheiro os animais que o senhor mais via ali pela região? Pode ir listando assim.

DFO - Pois olha...

GF - O que se caçava?

DFO - Ficava solta a marca do animal, era a marca alguma, que nem o agricultor tudo criava porco solto tinha um pique na oreia.

GF - Aham. Era a marca.

DFO - Não dava de registrar nada, mas o povo era tão sincero que respeitava.

Gil Karlos Ferri: Sim. Sabia qual era a marca do vizinho.

DFO - Agora fazia uma tesourinha em baixo, da oreia bem em baixo.

GF - Aham.

DFO - Outros faziam furo na oreia.

GF - Sim!

DFO - Outros furavam a oreia pelo acima...

GF - Sim.

DFO - Outros cortavam a ponta da oreia...

GF - Sim. Era assim que era marcado.

DFO - Então na minha época chega a marca era essa e tudo criava solto.

GF - E se respeitavam?!

DFO - E o povo era tão respeitado naquele tempo, eles não pegavam porco do outro para comer...

GF - Sim.

DFO - Tudo tinha...

GF - Sabiam cada um.

DFO - Que eram...

GF - E engordavam no pinhão?

DFO - Engordavam no pinhão, depois...

GF - En-gor-da-vam no pi-nhão.

DFO - É a fruta do mato...

GF - Certo!

DFO Mas era isso ai, o gado também era criado tudo solto, animal tudo solto, se conhecia pela buía do cincerro,

GF - O qual era de cada um?

DFO - É. Sabia as vezes 4 ou 5KM a pessoa caminhando, e pegavam aquelas butuca, nesse tempo os animais eram difíceis de achar.

GF - Sim.

DFO - Então para achar os animais, o gado e ir aonde tinha as lagoas...

GF - Sim. Que tavam lá?

DFO - Sim não demora o Ari, Ari Ferrari...

GF - Aham.

DFO - Daí tinha a lagoa chamada a lagoa do Brechó...

GF - Aham. Pode, pode...

DFO - Tinha mais para cá a lagoa dos pato.

GF - Aham. Que eram natural os banho de água natural?

DFO - Aham, tudo natural.

GF - Aham, que é bem em cima da serra, no alto?!

DFO - É bem, a dos pato é bem na Salete ali,..

GF - Aonde que começa ali?!

DFO - Para a direita.

GF - Seu Doro, e dos bichos do mato qual é os que mais tinha lá?

DFO - Tinha tudo, o que tinha mais era o javali.

GF - O javali, aquele porco do mato?! Tipo, aham.

DFO - Porco do mato! Tinha outros bichos, tinha paca, tinha bugio,

GF - Sim!

DFO - É, o que era bicho eu só não conheci tigre e leão.

GF - Que não viu? Que nunca viu?

DFO - É, esse eu não vi!

GF - Mas a turma de Celso dizia...

DFO - No mais eu conheci tudo.

GF - Certo.

DFO - Jaguatirica, porco do mato, cateto...

GF - Sim!

DFO - Quati.

GF - Aham.

DFO - É para a casa que tinha, que eles queriam fazer a roça, não podia colher, era duas classes de bicho que ia comer...

GF - Sim.

DFO - Criava muito papagaio que quando não tinha pinhão, papagaio e baitaca...

GF - Sim.

DFO - Ia comer milho, terminava o pinhão, daí depois quando não era época do pinhão, tinha milho e tinha pinhão. Quem colhia roça naquela época terminava os pinhão eles avançavam...

GF - Ah, tinha bem certinho o tempo da colheita senão ficava sem.



DFO - Daí depois tinha fruta do mato, canela, ariticum, ah jabuticaba, que tinha pau lá de metro de grossura.

GF - Sim.

DFO - A fazenda que era do Brechó, terminava essa, essa época ai vinha fruta de canela, afinal fruta do mato.

GF - Sim.

DFO - O jerivá...

GF - Sim.

DFO - Butiá no Entre Rios não tinha!

GF - Não tinha butiá, tinha jerivá!

DFO - Não tinha Butiá no Entre Rios, eu fui conhecer para cá.

GF - A outra pergunta aqui seu doro o senhor conheceu a serraria na região, aquela lá do Frederico?

DFO - É.

GF - É teve alguma outra que o senhor se lembra, quando tava por lá que teve? O senhor consegue ir lembrando das que teve?

DFO - Ih, eu só lembro da serraria do Máximo.

GF - Não má daí lá...

DFO - Do Máximo, do Joanim Ambrósio.

GF - O Máximo mas daí ficava aonde ali em Celso?

DFO - Em Celso Ramos, bem aonde que é a serraria do...

GF - Ah tá!

DFO - O Posto de gasolina dos guarda ali, era ali.

GF - Certo, sei antes ali do cemitério. É tá e lá no Entre Rios, teve mais alguma além dessa do Frederico?

DFO - A Tafona.

GF - A Tafona?

DFO - A Tafona de madioca, engenho de cana, pouco mais todos faziam um pouquinho para o gasto.

GF - Era movido a água essas, essas não?

DFO - A boi.

GF - A boi!

DFO - Tudo a boi!

GF - A cana já tinha quando o senhor era criança?

DFO - A cana já tinha, a cana ripa.

GF - A cana ripa, era a qualidade que vocês tinham?

DFO - Depois que essa italiana vieram...

GF - Trouxeram outras.

DFO - Eles variaram as qualidades...

GF - Que tinha lá em Serra A'baixo, certo?

DFO - Que tinha em Serra A'baixo rosa, tinha cana...

GF - Sim!

DFO - A cana paiana, tinha várias qualidades, tinha até...

GF - Tinha várias qualidades!

DFO - Tem várias qualidades até hoje, eles vão classificando vão trocando o nome.

GF - E na época que o senhor era criança que não tinha chegado ainda esses colono o que mais produziam lá no Entre Rios?

DFO - Fumo.

GF - Fumo, era a cultura, e isso vendia para a região de Campos Novos na época?

DFO - Vendia lá emmmm...

GF - Capinzal, não?

DFO - Não, como que é a sede é Paim, que fica lá em São José d'Ouro.

GF - Ah, ia pro outro lado...

DFO - Ia pro outro lado do Marmeleiro, você não conhece o Rio Marmeleiro?

GF - Não, não!

DFO - Do Rio Marmeleiro atravessava o Barracão e depois três ou quatro casas...

GF - Sim, era uma Vila só?

DFO - É lá aonde compravam lá, daí eu perguntava pro meu pai...

GF - Aham!

DFO - Que que eles fazem com todo esse fumo, o que eles não ocupam pro uso de fumar...

GF - Aham!

DFO - Vai para tinturaria.

GF - Tin-tu-ra-ria.

DFO - Tinturaria, assim meu pai falava.

GF - Aham, sim. É pode ser!

DFO - Faziam tinta do fumo.

GF - É, e daí para a produção própria era milho, feijão, o que?

DFO - É daí milho, feijão e é mandioca.

GF - É, a mandioca?!

DFO - É mandioca.

GF - É a cana assim não era um produto de tarem fazendo muita coisa ou só pro consumo o açúcar?

DFO - Só pro consumo.

GF - Só pro consumo!

DFO - Faziam assim na costa de rio...

GF - Sim!

DFO - Faziam aonde quem tinha o engenho só vivia daquela dali...

GF - Só do engenho?

DFO - É faziam na costa do rio só o engenho, já quem morava em cima da serra...

GF - Aham!

DFO - Já era a produção de fumo.

GF - A por causa da geada no caso?

DFO - É a maior parte era produção do fumo...

GF - Fumo.

DFO - Pra lutar era melhor na época...

GF - Era melhor na época, aham. Seu Doro, hoje o que o senhor análise da importância do Pinheiro e das espécie de Lei, Canela, Imbuía, essas madeira nobre, qual é a importância que tinha no passado, que a turma usava para fazer? Pras casas?

DFO - É naquele tempo eles nem ocupavam essa madeira porque era livre o Pinheiro.

GF - Do tanto que tinha?

DFO - Do tanto que tinha, então quando pegava num lugar bom a Canela...

GF - Uhum...

DFO - Cabriúva, eles serravam e faziam caixa de querosene...

GF - Sim!

DFO - Pra o querosene ser enlatado era feito, tinha uma caixa que não era pregada era tudo assim...

GF - Encaixado?

DFO - Encaixado! Então cada lata, caixa ia duas latas de querosene.

GF - Sim!

DFO - E ali ansiavam aquela caixa e era transportado de cavalo.

GF - Transportado de cavalo, aham. E...

DFO - Ali em Capinzal...

GF - As casas eram tudo de madeira na época?

DFO - Tudo de madeira.

GF - Qual era a madeira, o Pinheiro? A que usavam mais ou nem sempre?

DFO - É, dessas coisas que faziam as canastras...

GF - As canastras, as buía?!

DFO - É, eles cobriam de couro...

GF - Aham!

DFO - Muito bem feito, depois eles iam furavam e ansiavam e carregavam no cargueiro...

GF - Sim!

DFO - Mas era tudo Madeira de Lei...

GF - Por causa que era mais leve?!

DFO - É, ela tinha duas habilidade...

GF - É, era mais forte.

DFO - Que tem madeira...

GF - Cerne...

DFO - Que ela cresce com o tempo, o Calípio hoje é a madeira que ela tá seca mais ela trabáia...

GF - Aham.

DFO - Ela seca, ela raleia...

GF - Sim!

DFO - Ela se junto é o caso que ela vai empenando...

GF - Sim!

DFO - Então eles faziam canastra que é uma madeira que ela não trabáia, depois que fez quando o tempo estava para a chuva os antigos tinham aquele dizer, o tempo vai chover olha a umidade das canastra, tão úmida.

GF - Sim, porque notavam que ela inchava.

DFO - Ela inchava.

GF - Se vê né, eu não sabia essa.

DFO - A madeira crescia que credo, ela cresce até hoje.

GF - Sim, ela trabalha na unidade?

DFO - Trabáia na unidade.

GF - Seu Doro, e lá no Entre Rios o que o senhor pode notar desde que o senhor nasceu né, que era criança até que saiu de lá, o que que mudou na paisagem assim que o senhor nota, da mata, assim o que mais o senhor vê que mudou na paisagem?

DFO - Olha assim oh...

GF - Na natureza.

DFO - Hoje, que nem hoje lá não tinha, lá era só lavoura, lavrado e peixe...

GF - Sim...

DFO - 4 ou 5 alqueire de terra que fazia, era tudo lavrado pra boi...

GF - Pra boi...

DFO - Hoje é máquina então, dali para cá mudou 100% porque o Entre Rios, é granjeiro, é só granja que tem...

GF - Sim!

FO - Aonde essa família Ferrari...

GF - Sim!

DFO - É de Capinzal, eles vieram bem pobre, mas muito trabaiado...

GF - Uhum!

DFO - Que eu conheci tudo...

GF - Eles eram colono, não italiano?

DFO - Quando vieram a terra da falecida Matilda Bianchini, você viu falar dessa?

GF - Ainda não!

DFO - A Matilda Bianchini quando fizeram essa estrada aqui...

GF - Aham.

DFO - Falecido, nem sei se era vivo, mas...

GF - Aham.

DFO - A véia Matilda Bianchini que fizeram um hotel em Celso Ramos ali aonde é do Álvaro de Mattia...

GF - Era dela?

DFO -Era dela.

GF - Ah antes era dela.

DFO - Mas era cumprida a casa que nem é do Álvaro ali, tinha hotel pra hospedagem dos turmeiro que trabaivavam...

GF - Uhum.

DFO - Se agasalhavam ali, pagavam hospedagem para tudo...

GF - Sim.

DFO -A Matilda Bianchini, chegava tempo de eleição os eleitorado, as urna eram ali, era tudo comia, lá na eleição a falecida Matilda fazia comida para todos, ninguém pagava...

GF - Sim.

DFO - Ninguém pagava nada...

GF - Porque era os acerto deles, aham. Seu Doro...

DFO - É. Ih ela era dona dessa terra lá aonde é dos Ferrari dai depois veio essas famílias...

GF - Que dai modificou a paisagem, os lavrados.

DFO - Eu te falei dos Caetano.

GF - Dos Caetanos, aham.

DFO - Essa família Caetano, compraram da falecida Matilda...

GF - Uhum, aham.

DFO - Daí depois eles foram se expandindo plantando mandioca, mandioca...

GF - Sim.

DFO - Mandioca, mandioca, e fizeram Tafona, tinham Tafona no Entre Rios lá...

GF - Sim!

DFO - Eles produziam 500, 600 kg...

GF - Essa daqui o senhor já respondeu como é que era feita a agricultura antigamente, era então através do boi, o lavrado; e usavam aquele sistema de queimar, fazer a roça no rio de queimar, era assim?

DFO - É fogo, e fogo, ninguém respeitava nada...

GF - O sistema era o fogo?

DFO - O fogo ia queimando, não tinha outro jeito...

GF - Qual era a época que o povo mais fazia, agora ou não?

DFO - ã?

GF - Qual era a época que o pessoal mais fazia as queimadas pra preparar?

DFO - Novembro.

GF - Novembro!

DFO - Mês de novembro.

GF - Mês de novembro, era o que mais, aham.

DFO - Então que nem agora que estava assistindo o jornal do Mato Grosso, muitos incêndios, eles mesmos tacam fogo, pra brotar...

GF - Sim.

DFO - Pra brotar o pasto e depois eles não vencem apagar, e fica menos mato.

GF - Não vencem apagar. Antigamente era assim também?

DFO - Aqui no Entre Rios era assim também, tacavam fogo pra vim o capim...

GF - Aham.

DFO - O capim, a peste, muitas vezes vinha aquele capim o vento espalhava...

GF - Se espalhava...

DFO - Espalhava a semente...

GF - Aham.

DFO - Depois foi gerando aquele passo.

GF - Seu Doro o senhor chegou a conhecer algum objeto de descendente de índio na região?

Do indígena?

DFO - Conheci!

GF - Conheceu, e descendentes aqui dos índios não tinha, tinha? Algum cruzado.

DFO - Descendentes de índio, mas eu tinha minha avó...

GF - Uhum.

DFO - Não era vó legítima...

GF - Uhum.

DFO - O meu avô quando casou a mulher dele já tinha filho descendente de índio.

GF - Ah é?

DFO - Já...

GF - Que era...

DFO - Quando vieram de lá...

GF - Quando vieram já, lá de, do litoral...

DFO - Do litoral, e minha avó era descendente de índio que o meu avô, viúvo...

GF - Sim.

DFO - Casou com uma muié, descendente de índio.

GF - Uhum.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

DFO - Depois casou as filha que era descendente de índio, casaram com os outros que moravam aqui, de Anita pra lá e do Pinheirinho...

GF - Aham.

DFO - Aqueles lugar, aqueles da Freguesia que moram ali são dessas famílias de cá, é descendente...

GF - Aham.

DFO - Os Maises...

GF - Aham, é descendente de índio também, é, e objeto encontrou alguma coisa na lavoura?

DFO - Objeto a gente conta...

GF - Uhum.

DFO - Que era de não acreditar, pedra dessa altura assim, dessa grossura...

GF - Lisa?

DFO - Bem lisinha...

GF - Tipo aquela das mãos de pilão?

DFO - É, tipo uma mão de pilão...

GF - Aham, uhum.

DFO - Eu achei que conheci naquele tempo ninguém tinha, esses, essas olaria...

GF - Sim.

DFO - Ninguém tinha olaria, e lá aonde nós morávamos tinha pedra, pedaço de telha, bem igual a esse pedaço de telha de olaria...

GF - De cobertura?!

DFO - É, as canelinha...

GF - Tudo...

DFO - Vermelhinha, eu conheci, se eles não...

GF - Aham.

DFO - Extravagaram ainda existe lá aonde era o toldo do índios...

GF - Uhuum.

DFO - Os índios cabeceira de água eles bloqueavam o chão como daqui, e eu nunca entrei dentro...

GF - Sim.

DFO - Só via na boca, mas acho como daqui lá na taipa os índios colocaram por baixo, então ali os índios se escapavam...

GF - Por causa do frio e andavam assim...

DFO - É por causa do frio...

GF - Tipo um buraco...

DFO - É tipo um buraco por baixo do chão.

GF - E isso fica aonde mais ou menos seu Doro?

DFO - Essa terra ali é do Paulinho Barbosa.

GF - Aaahhh! Aham, é uma hora eu vou ter que ir lá, ele é meu padrinho, é irmão da vó, eu quero ir lá ver, com ele então se tem ainda esse lugar lá, pode ser que nem sabe, pode ser sabe né?!

DFO - Pois é o que eu tô dizendo, se eles não terminaram...

GF - Uhuum.

DFO - Porque depois leva a máquina...

GF - Ah sim! Já...

GFO - Então lá foi na água que nós encontramos essas pedra de bugre que nós dizemos...

GF - Uhuum.

DFO - Pedra alta assim, dessa grossura e tinha um valo no meio, aquela pedra assim aponta aquela pedra bem redonda.

GF - Então ali podia ser um acampamento dos índios?!

DFO - Era acampou toldo, que diziam o toldo dos índios...

GF - Uma morada deles.

DFO - É uma morada deles. Diziam o toldo dos índios, então ali eu achei aquela pedra, e eu perguntei pro meu pai como é que pode ser uma pedra assim, o pai disse isso ai é fábrica dos índios...

GF - Sim!

DFO - Mas eu não conheci a peça inteira, eu conheci só uma...

GF - Uma lasca?!

DFO - Um canto, é de barro...

GF - Sim! Se vê...

DFO - É feito de barro!

GF - Se vê, o jeito.

DFO - Queimadinha, verde, meia igual uma teia de olaria, bem igualzinha...

GF - Aham, que eles usavam o barro. Seu Doro, mas o senhor mesmo não conheceu nenhum índio nativo da região, e o seu pai será que chegou a conhecer ali, bem no Entre Rios?

DFO - Olha depois da passagem os índios quando vinham de lá do Cacique...

GF - Cacique Double, lá?

DFO - Cacique Double...

GF - Aham!

DFO - Que eles passavam de lá, vinham a pé, que ainda eu conto de vez em quando...

GF - Sim!

DFO - ã, que os índios vinham de lá e os índios naquele tempo eram muito respeitados...

GF - Ah sim, o pessoal tinha medo deles?

DFO - É!

GF - Tipo uns ciganos assim ou não?

DFO - Até não pulando na frente...

GF - Não, má pode.

DFO - Vou te contar as histórias, em Celso Ramos quando...

GF - Aham.

DFO - Os Fernandes aí, o falecido José Vinco...

GF - Aham.

DFO - Quando aqui em São Antônio eram autoridade de gente, do tempo do Getúlio Vargas...

GF - Aham!

DFO - Era muito respeitoso os índios...

GF - Sim!

DFO - Porque os índios vinham e tinham direito...

GF - Uhum!

DFO - Chegavam em Celso Ramos lá os outros falavam lá, e levavam os índios, e eu conheci os índios no salão paroquial, não e daí o salão paroquial...

GF - Uhum!

DFO - Aonde ontem nós tivemos lá no culista, ainda eu me lembrando, tinha o banco grande a par da parede assim...

GF - Uhum!

DFO - Os índios tudo sentado, cada um cá muchila deles assim no meio das pernas, tudo cabeça baixa...

GF - Sim!

DFO - Os índios, eles deram uma morada para eles pararem ali, descansar...

GF - Aham! Um acampamento então. Aham!

DFO - E de lá eles vinham, e não sei ai pra frente onde é que ficavam...

GF - Porque deserto, desde sempre eles faziam essa região, era deles, eles faziam essa, não aqui não?

DFO - Não quem sabe bem, bem antes...

GF - Sim!

DFO - Não tinha a caverna lá...

GF - Eles faziam passagem, assim, aham.

DFO - É, naquele tempo só existia os índios...

GF - Sim!

DFO - Então de lá do Cacique Double lá sim, o geral dos índios...

GF - Uhuum.

DFO - Os índios vinham de lá, e paravam e posavam em Celso Ramos aonde tem uma história, eu...

GF - Uhum.

DFO - Só prova tinha umas índias bunita...

GF - Aham.

DFO - E o se conheceu o véio, o véio como é o Mário Pilão?

GF - Pilão não me é estranho...

DFO - Conheceu, ou não?

GF - Só de ouvir falar o Mário Pilão.

DFO - Ele era novo e foi se mete, mexe com as índias, e as autoridade viram como eu tava dizendo o índio era muito respeitado...

GF - Uhuum.

DFO - e ele não respeitou ele quis patatia...

GF - Quis se engraçar...

DFO - É, as autoridade de Celso Ramos pegaram ele e ponharam na cadeia, naquele tempo era no porão da igreja...

GF - ah é, a igreja antiga?

DFO - A igreja antiga se viu falar disso ai?

GF - Não sabia. É, não...

DFO - Tinha cadeia lá no, na primeira igreja, tinha o porão lá que descavava, fizeram, então fecharam ali, onde o Mário Pilão teve preso...

GF - Aham. Na cadeia por causa disso?!

DFO - Aham, era no porão da igreja.

GF - Se vê.

DFO - Teve mais gente preso ali...

GF - aham. Seu Doro e a outra pergunta quando veio esses colono italiano como é que foi a relação deles com quem já tava ai? De inicio eles se entendiam, ou não?

DFO - Olha os italianos muita coisa foi pra bem, porque eles eram mais modernos, eram mais instruído...

GF - Uhuum.

DFO - Para trabáia, pra fazer a comida, aonde eu tava dizendo a polenta, nós aqui ninguém sabia o que era polenta, ninguém sabia o que era moinho pra fazer uma farinha era tudo no monjolo, fazia farinha no monjolo tocado a água.

GF - Uhuum.

DFO - Era um monjolo, depois que veio os italiano eles cortaram pedra muitos trouxeram de lá os cargueirinhos de pedra, trouxeram, montaram o moinho que nem o falecido Maravai, ele tem o moinho dele ali que trouxe de Serra A'baixo e montou o moinho dele ali, esse não faz muito tempo não...

GF - Sim!

DFO - Mas tá lá. E os índios, nós brasileiro comia quirera e canjica e eles não diziam nem quirera, nem canjica; eles só diziam milho cozido.

GF - Uhum.

DFO - Quando nós comemo polenta que eles faziam nós gostemo, porque era uma comida deferente...

GF - Sim.

DFO - A polenta com molho de carne...

GF - Sim.

DFO - Que é coisa muito boa, todo mundo gosto...

GF - Tudo provaro...

DFO - E eles gostaram de canjica e quirera.

GF - Sim.

DFO - Então eles adoram milho cozido.

GF - É então foi uma troca boa.

DFO - É foi uma troca pra muitas coisas mudou pra mió...

GF - Sim

DFO - Ooo, coisa que meu pai não gostava das pescaria, porque os italiano quando vieram de lá era que nem “Bugre” aquele que casa come, senão caçar não come.

GF - Sim!

GFO - Os bugre eram assim, os índios...

GF - Uhum.

DFO - Os índios antigo, então eles iam pescar aonde que tinha o antigo bar a equipe dele era assim o chão era mais grande...

GF - Sim!

DFO - Eles soltavam o estopim na água pra pegar peixe pra matar...

GF - Faziam os toro ali...

DFO - É, aqueles touro o pai disse essa pragaiada quando vié até os bicho do mato tem medo, que eles eram bem...

GF - Sim!

DFO - E só caçando do tanto que caçavam, pesca, soltavam os peixe pra comer, viviam de caça como era hoje...

GF - Sim, caça e pesca!

DFO - Sim, pesca então eles pegaram o peixe de coró, mas ele não aboia...

GF - Uhum.

DFO - A quando ele aboia é porque tá podre, tá azedo...

GF - Ele funda...

DFO - Ele afunda pra baixo, mas na hora só o peixe que tem escamas subia...

GF - E o resto eles matavam tudo?!

DFO - Que era pro delegado, ai meu pai fez parque aí que era pro delegado de Santo Antônio...

GF - Ai proibiram de usar esses estopim.

DFO - Proibiram de usar esses estopim, onde tinha

GF - Oh essa é interessante pro meu trabalho, pois a gente está falando da natureza, olha ai oh, eles trouxeram umas prática de caça que era terrível...

DFO - Era terrível.

GF - Matavam tudo.

DFO - Dois foram preso o Pelozatto e o outro não me lembro. Daí nós aqui se criemo do sistema antigo, era respeitado porque era proprietário velho, era morador véio e os gringo quiseram tomar um direito...

GF - Claro de tá no lugar queriam eles de ter o mando da coisa.

DFO - Daí o José Vico que era delegado aqui, ele era novo naquele tempo, ele era muito Getulista e muito brasileiro...

GF - Uhum.

DFO - Foi lá decretou a lei, se ele soltassem um estopim na água, era pra contar que ele vinha investiga os peixes morreu e iam ser tudo preso...

GF - Sim!

DFO - Aí eles pararam...

GF - Aí sossegou a coisa.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

DFO - Aí esse José Vico ficou marcado pelos Gringo porque ele perseguiu muito os Gringo, porque os Gringo, falando agora da que eles queriam formar a Igreja de Celso Ramos e o Miguel queriam que a Igreja fosse Nova Itália e queriam que nós tudo, brasileiro...

GF - Aceitassem...

DFO - Que era pouca gente naquele tempo, que gritasse “Viva a Nova Itália”...

GF - Ruuum.

DFO - Ninguém gritava, e o brasileiro que não falasse italiano, ele ia trabalhar na canga que nem boi...

GF - Era o que eles achavam?!

DFO - É. Aonde foi preso a mulher, se viu a dona Maria falar aquele dia lá, do Eliseu?

GF - Contou que queria, o pai dela contar o Quintino?

DFO - Aham, é!

GF - Se vê o...

DFO - O Quintino, como que era o Quintino?

GF - Quintino Barbosa.

DFO - Quintino Barbosa do governo, trabalhasse no governo, que ela falou agora, mas não me lembro que ela falou...

GF - Sim!

DFO - Ela contava um pouco essa história do pai dela que falava...

GF - Uhum.

DFO - Contava essa história.

GF - Justamente.

DFO - Agora olhe essas história, os que vieram mais por último, ao Gringo ficaram de boca calada, porque eles foram preso...

GF - Sim.

DFO - Dois eu conheci, eu conheci todos ele mas não me lembro o nome. O João Pelozatto, Pedro Grassi, moravam ali em Santa Lúcia pra cá foram preso e daí veio com a lei era proibido falar italiano...

GF - Sim.

DFO - Naquela época, dali pra cá foi proibido...

GF - E eles tiveram que ir se adaptando?!

DFO - É, e daí os italiano que fossem nos ouvidos de outro...

GF - Era...

DFO - Já era preso, tá. Daí foram o Luís Nandi que nós trabalhava pra ele, ele tinha a menina pequena assim, e muito faladorinha, ai nós dizia fale italiano pra nós vê, ela disse não o pai fica brabo é proibido falar italiano...

GF - É já sabia de casa...

DFO - Sabia, que os pai já orientavam os filhos...

GF - Pra não falar.

DFO - A única mulher que nunca pode falar brasileiro, foi a mãe do Beppinho Comin...

GF - Uhum.

DFO - Nunca pode, ela fazia uma tramoia na língua e ninguém entendia...

GF - Aham.

DFO - Ai tinha uma mais estudada que até Freira foi, ela explicava pra nós o que a mãe dela dizia...

GF - Sim, porque senão não se entendia.

DFO - Ai esses Gringo ficavam marcado porque queriam fazer os brasileiro trabalhar na canga, ficou aquela rinha dos Gringo com os, já digo as autoridade daqui, que eu falei do falecido Zé Vico foi delegado mas ele pegava os praça(gíria) dele, e segurança os capanga, hoje segurança, e antes tempo era capanga, era praça e assim por diante...

GF - Sim!

DFO - Era ordenança, capanga...

GF - Era o que ele tinha ali pra coordenar.

DFO - Mas ele pegava tudo gente que não tinha dó de matar...

GF - Sim!

DFO - Nunca ouvi falar que eles mataram alguém...

GF - Mas eles eram severo.

DFO - Mas ele dava as tintas e é assim...

GF - Sim!

DFO - Tem que fazer assim, tem que agir assim, então ele perguntava pra um você: Tem revolver ou não? Ele ia ali pra acertar, se eu manda fogo, fogo, atire...

GF - Era assim que funcionava.

DFO - Perguntava pra outros você tem? Eu tenho. Ali onde a encruzilhada que nós dizíamos era pro Pepeto, era ooo...

GF - Que será que?

DFO - Venha a se teu tio de cá, o Eliseu Suppi...

GF - É sei!

DFO - Daqui linha ali...

GF - Sim!

DFO - Não me lembro mais o nome...

GF - Pra imaculada ali!

DFO - É, não na Imaculada é lá em baixo...

GF - É mais pra baixo.

DFO - Não a Imaculada é mais pra cima, da barragem pra cima...

GF - Aham.

DFO - Aquela linha ali não tenho lembrança como é o nome...

GF - Não é aonde que mora o tio Itamar lá, nos Ferri ou não?

DFO - Não o Itamar mora na Linha Ferri...

GF - Tá! É que tem o Idalino Zanone lá.

DFO - É no Idalino, e esse daqui nos conhecemos por Pepeto ponho serraria ali no...

GF - Que tinha serraria do Pepeto, não é a que vai pra barragem ali hoje, não?

DFO - Nãoo!

GF - Não é a linha Suppi, ali não?

DFO - É, então é...

GF - Venha ser então, é aqui oh pra trás, é pra cima da Imaculada.

DFO - Não é bem pra cá de Celso Ramos, pra cá do Florentino.

GF - Ah, então é essa aqui, essa estradinha aqui oh. Aqui mais ou menos está o Florentino, deve ser essa pra cá.

DFO - Pra cá.

GF - Do Canoas!

DFO - Aonde mora o Caio, parece que é Caio.

GF - Caio Tramontim?

DFO - É, aquele que mora bem no fundão.

GF - Aham.

DFO - As direita ali que entra ali.

GF - Uhum!

DFO - Ali o falecido Zé Vico tinha tudo mato, Pinheiro...

GF - Uhum.

DFO - Ele entrava com a turma dele a cavalo, ficava lá no meio do mato escondido, esperar chegar a hora pra eles chegar em Celso Ramos...

GF - Sim!

DFO - Daí ele davam as ordens pras governança dele, mas se ele dissesse tal nome é aquele que faz.

GF - Sim!

DFO - Ele te dava revolver, dava munição, dava tudo, então esse José Vico ele tinha uma espada, acho que dava quase 2m de comprimento a espada, ele tinha um revolver 38 cano dele, era assim...

GF - Era cheio da lei.

DFO - É, e ele botava as lei mas não se metia, se fosse preciso atirar ele atirava...

GF - Sim!

DFO - Eu nunca me esqueço, depois que ele ficou véio, ele disse que não tinha força mais pra nada, mas ele ainda tinha força pra puxar o gatilho.

GF - Risos. Do tanto que ele...

DFO - E essa linha ali, ele parava pra dar as lei.

GF - Sim! Seu Doro...

DFO - Eu vou tomar um pouquinho d'água ali.

GF - Pode ir lá que nós temo tempo.

Pausa Laboratório de História Ambiental da UFFS

DFO - O tempo da falecida Matilde que eu tava falando...

GF - A Bianchini.

DFO - Bianchini, quer um gole?

GF - Eu vou tomar um gole.

Pausa

DFO - Daí tinha a cancha de bocha ali oh, da propriedade do falecido do Lauro de baixo?

GF - Lauro de Mattia?

DFO - É, tinha uma cancha de bocha ali, e o sobrinho do José Vico eram tudo bagunceiro...

GF - Uhum.

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

DFO - É o que eu tava dizendo o Zé Vico perseguia esses Gringo e qualquer coisinha ele agia...

GF - Sim!

DFO - Com razão ou sem razão ele agia, brigo o sobrinho do José Vico com os Nande, você conheceu a família dos Nande?

GF - Não, não conhecia...

DFO - Tio do Agostinho da Rodoviária.

GF - Dos Moro ali.

DFO - Dos Moros é....

GF - Aham, tá.

DFO - Que o Agostinho é Nande e Moro.

GF - Aham.

DFO - Ai um dos Nande deu uma bochada, brigaram na cancha de bocha...

GF - Aham.

DFO - Tacaram uma bochada na cabeça dum sobrinho do José Vico, não mato...

GF - Sim!

DFO - O Luisinho correu, depois cada festinha que dava o José Vico chegava lá com os guarda, os Nande oh xiiu, não vinham mais em festa.

GF - Sim. Porque ficou esse mal?

DFO - Eles tinham medo porque o José Vico ele perseguia.

GF - Sim!

DFO - Então eles tinham medo do José Vico como diz o velho ditado: “ O diabo tem da cruz”.

GF - Seu Doro já tamo nas últimas pergunta agora. Agora o que o senhor acha das construções da barragem, o que foi bom e o que foi ruim que tudo tem dois lado, né? Mas na sua opinião o que que mais?

DFO - As barragens eu tive nas manifestações, eu acompanhei os padre...

GF - Sim!

Projeto Memória histórico-geográfica do Planalto e do Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades

DFO - E pra mim quando eu tive lá, lá em Machadinho, eu disse pro Álvaro véio meu padrinho delá, disse: Álvaro eu tive na reunião, eu tive lá com a turma quem tem moradia lá no meio da estrada, quem tem lugar se prepare porque vai cair dinheiro...

GF - Sim!

DFO - As barragens vai trazer dinheiro, e é dinheiro não é troco...

GF - Sim, a indenização no caso...

DFO - Eu não falei mais é a indenização da comida, eles falavam duzentos e tanto, duzentos e tantos, tantos.

GF: Sim!

DFO - Que precisa de comida, precisava de dormir, e o Álvaro véio será tchô, será, quem mora ai que tem propriedade que se prepare que vai cair o dinheiro. Depois o Álvaro me disse que ele fazia 27 R\$ 1.500, limpo por dia, ele entregava 150 marmita por dia, ele me conto.

GF - Hum.

DFO - Assim R\$ 5,00 pila cada marmita.

GF - Sim!

DFO - R\$ 5,00 real.

GF - Fez a grana ali naquele período.

DFO - É e só nas marmita, depois de tarde tinha cama, janta, que jantavam...

GF - Aham.

DFO - Tavam lá tudo...

GF - O senhor não foi atingido aqui, foi por Machadinho atingido as terra ou não?

DFO - Não.

GF - Não foi, não chegou a ser. Então o senhor acha que foi um benefício assim.

DFO - Barbaridade, como eu dizia olha padre é padre mas os padre tão errado...

GF - Hum, uhum.

DFO - Olha de progresso que trouxe pra nós, de transporte de melhora muita coisa, muitas qualidades, medicamentos, que não vinha por falta de recurso disponível na estrada...

GF - Acabou vindo.

DFO - E terminou vindo tudo isso aí, hoje é de norte a sula...

GF - Uhum, é seu Doro e agora a última pergunta a dez. Como é que o senhor vê hoje em dia a relação do pessoal de Celso Ramos com a natureza, o senhor acha que diminuiu as caçada, diminuiu as roças tá mais fácil?

DFO - A maioria foi abaixada...

GF - As roças aumentaram por aí.

DFO - É aumento.

GF - Essa é a pergunta final pra vê o que o senhor analisa, e aqui na comunidade do Papa João XXIII, quantas famílias mais ou menos são? Aqui...

DFO - Aqui foi de roda.

GF - Diminuiu bastante?

DFO - Era em 30 e poucas família, e tem agora no mais 5, 7 família...

GF - Aham.

DFO - No mais venderam, que nem olha ali os Pelozato compraram...

GF - Uhum.

DFO - Aqui daí tinha o falecido Liberarino, tudo a terra dele fico só pra um dono...

GF - Sim! A comunidade ela não tem a capela, ou tem?

DFO - Não, tem a capela.

GF - Aonde que fica daí?

DFO - Fica bem aqui oh...

GF - Saindo aqui lá naquela encruzilha.

DFO - Lá naquele encruzilhada...

GF - Pego direito...

DFO - Pego direito na saída.

GF - Já saio direto na capela. Tá boa as estrada ali?

DFO - Dos Pelozato.

GF - E porque será que tem esse nome, de João XXIII, do Papa? É uma homenagem?

DFO - É naquele tempo chamava o Rincão do Saturno.

GF - Aham.

DFO - Que era o dono nesse fundão aí...

GF - Aham.Hum

DFO - Chamavam Rincão do Saturno que era...

GF - Uhum.

DFO - Aqui então tinha o Papa João XXIII.

GF - Uhum.

DFO - Daí que eles ponharam o nome da Capela Papa João.

GF - Quando vieram esse Pelozato ali, não?

DFO - Não, não antes ainda.

GF - Antes ainda.

DFO - Daí o Saturno morreu, as comissão...

GF - Hum, uhum.

DFO - E ponharam o nome de Papa João XXIII.

GF - É, tem missa quando ali, uma vez por mês, não?

GFO - Mas olhe eu não sei quando tem em Santo Antônio geralmente eles avisam.

GF - Huum, aaah...

DFO - Mas eu pra ir lá e vim aqui...

GF - Aham, é mais fácil lá?!

DFO - Aham.

GF - Lá.

DFO - É passemos ali que foi fundado a Igreja o Padre perguntou como era o nome do Santo, que é quase que nem é aqui.

GF - Uhum.

DFO - A daí o padre dizia isso, dizia aquilo, e disse vamos colocar o nome de João Batista. Porque meu pai é que se organizaram pra fazer a igreja...

GF - Uhum.

DFO - Daí o padre disse já que então a igreja já foi começada, por João, Francisco ali, vamos fazer João Batista...

GF - Uhum.

DFO - Que tinha o falecido Horácio Batista...

GF - Sim!

DFO - Que ele era vizinho ali, era capelão da igreja, tudo ia rezar na casa dele...

GF - Aham.

DFO - Quando não tinha igreja...

GF - Aí acabou ficando João?

DFO - Daí o padre trouxe São João Batista.

GF - Sim! Que é aonde é lá do lado do Paulino agora?

DFO - É, isso mesmo.

GF - Que é ele o ministro. Mas deu boa, acho que já conseguimos bastante informação aqui, agora eu vou parar aqui pra.